



BÁRBARO, The Third – o trigêmeo
Memportreto en Super Plena Luna Nokto
Autorretrato em Noite de Super Lua Cheia
Dagerotipo, marto 19, 2011

www.facebook.com/Barbaro.theThird



BÁRBARO, The Third – o trigêmeo
Memportreto en Super Plena Luna Nokto
Autorretrato em Noite de Super Lua Cheia
Dagerotipo, marto 08, 1993

www.facebook.com/Barbaro.theThird

Dogmas da Poesia Cristalográfica

Dogma 1: O poema deve ser muito curto. Quanto mais curto, menos mentiras é capaz de transportar do poeta.

Dogma 2: O poema precisa conseguir o grau máximo da síntese. Síntese é energia.

Dogma 3: O insight é a base da Poesia Cristalográfica. O poema tem de surgir num relâmpago.

Dogma 4: Poesia Cristal ou Cristalográfica não é um haicai.

Dogma 5: O desenho da estrutura cristalina da matéria é apenas uma referência para o arranjo interno das palavras no poema cristalográfico.

Em hipótese alguma deve-se diagramar o poema como faziam os poetas concretos. Poesia Cristalográfica não é Poesia Concreta.

Dogma 6: Abrir mão da autoria, o exercício mais difícil. Como a poema cristal é produto de um insight, fica difícil atribuir autoria ao trabalho. O insight pertence à humanidade, não ao indivíduo ou fulano de tal. Podemos assinar o poema cristal, mas sabemos que ele não traz vestígios de estilo ou personificação do autor.

Dogma 7: Ao praticar a Poesia Cristalográfica estamos empreendendo uma busca por conhecimento.

Primeiros trabalhos cristalográficos do grupo Olho de Vidro:

**Se não existissem relógios
os vellinhos seriam
muito mais assustadores.**

**Gente ruim
tem ótima visão.
Ou ótimos óculos.**

**(pic nic)
Não existe arma
de brinquedo.**

**O ursinho e o pote de geleia
ainda fechado.**

**(viagem)
Ô ônibus atravessando a noite
numa estrada.**

É... eles tbm já foram crianças...
Consegue decifrar quem são?



Grupo Olho de Vidro

Edward Flores, Rubens Martello e Thórdolo Neto

PEQUENO MANIFESTO DA POESIA CRYSTALOGRÁFICA

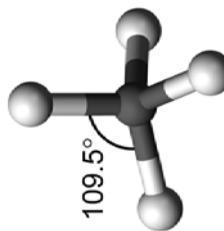
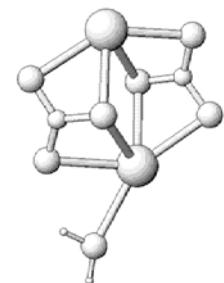
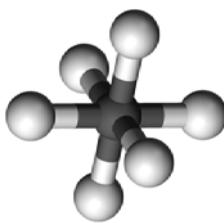
‘Os poetas, porém, são por demais mentirosos’.

Nietzsche em Assim falava Zarathustra

Quando lemos pela primeira vez esta ‘sentença’ de Nietzsche, nós, poetas do grupo Olho de Vidro, entramos em paraíso mortal. O que Nietzsche queria dizer com isso? Começamos a pensar um pouco e logo entendemos o que Nietzsche apontava como natureza farsesca do trabalho do poeta. Um delírio do poeta é achar que a sua arte é a maior de todas as artes. Outro grande problema é a tendência à ‘inflação de poesia’ no poema; o poeta facilmente cai no erro de exagerar nas tintas e intenções poéticas quando escreve. Escrever bonito é uma arte, com certeza, mas quase sempre não isso passa de artesanato. Arte é outra coisa.

Fernando Pessoa respondeu a Nietzsche com o famoso poema do ‘poeta fingidor’... Mas não ficamos satisfeitos com o jogo de palavras de Pessoa. Precisávamos de algo mais ‘operacional’, algo como um modelo teórico para contra-atacar o pensamento do filósofo maluco.

À mesa, uma revista de variedades estava aberta num artigo sobre a estrutura cristalina da matéria: “Um cristal é um sólido no qual os constituintes, sejam eles átomos ou moléculas, estão organizados num padrão tridimensional bem definido, que se repete no espaço. Os cristais apresentam propriedade ópticas e eléctricas distintas de quaisquer outros sólidos”. O artigo era ilustrado com vários desenhos de estruturas cristalinas como estas:



Dante destas imagens, veio o insight de ver palavras nos lugares dos átomos e moléculas na estrutura tridimensional do cristal. E veio também a certeza de que se conseguíssemos escrever cristais, o resultado seria sempre muito mais ‘verdadeiro do que falso’. Seríamos os menos mentirosos dos poetas.

Então passamos a buscar os nossos poemas cristais ou, como preferimos, poemas cristalográficos. E nessa busca, descobrimos que precisávamos de um método de trabalho.



- 1. Sarah Jessica Parker - 2. Kurt Cobain - 3. Madonna - 4. Ricky Martin - 5. Marilynn Mansson - 6. Paris Hilton
- 7. Jennifer Lopez - 8. Beyoncé - 9. Katie Holmes - 10. Emileem - 11. Angelina Jolie - 12. Darcy Diias

Capítulo 1

O ANÁTEMA: UM PAROXISMO ESCATOLÓGICO

A cultura dos homens é inobstaculável. “A regra da igualdade não consiste senão em aquinhar desigualmente aos desiguais na medida em que se desigualam. Nessa desigualdade social, proporcionada à desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade.” O anátema, na existência humana, tem corroborado para a exacerbção dos anseios metafísicos do *homo normalis*. A questão é complexa. Tais preconizações exigem conhecimentos profundos de estética, anatomia, fisiologia, fotografia, psicologia, cibernética, otorrinolaringologia, metonímia, citoplasma, artes marciais, etc.

Mas é lógico, preponderante, evidente, intuitivo, notório e palpável que não nos propomos inicialmente a alimentar nossa massa encefálica de semelhante digressão. Posto isto, devemos concluir que se a teorética do anátema não assobreloja nem encíclica, fatalmente canilina a mesocerbácia e os compúteros semânticos da equinolácia.

Sob um outro aspecto, pois tudo depende do enfoque, o paroxismo, alhures citado, no qual se constitui o anátema, não necessita obrigatoriamente de uma definição pleonasticamente tradicional, remetendo-nos a um campo de abstração surreal e – por que não dizer? – suprarreal, o que, por si só, já suplanta o rés do chulo arcaico.

Se levarmos em consideração toda a dimorfa em que se acha impregnada a gênese do pensamento humano e como se configura sombria apléiade de caracteres dispersos de tal everdadeiro ambulacrário, teremos que nos prender ao escatológico, apenas, para descrevermos,

Se o pinto do pai a me atormentar persegue, pau de homem algum me alcançar consegue.

PS 2 Há uma interessante passagem na vida de Guacyra: Vendo, a mãe, que a filha, já com 23 anos e embora bonita não-atav-nem-desatava, ou seja, não arrumava namorado, disse, em consulta, para um médico ginecologista, na frente da própria, envergonhada: - Custava, doutor, esta menina ser um pouquinho biscoate? Custava, hein?

PS 3 Um abraço daqueles... apertado!

[Este vem a ser o trecho final da carta por mim recebida, de Sophia Galante que, então, residia em Firenze (Itália). Era o ano 2000! A carta possui, em verdade, 12 páginas e trata de vários assuntos: dos aforismos monaqueicos, entre outros! *Fugit irreparabile tempus!* Até hoje não consegui localizar Guacyra, mas acredito que esteja no Oriente Médio, estudando seus ancestrais árabes e judeus, ela que se considerava a verdadeira paulistana do século XX, já que trazia consigo sangue indígena, luso, árabe e judeu, apenas faltando uma porção de Itália e de África para completar o amálgama. Os talis 30 poemas foram-me enviados por SG, porém, passados mais de 10 anos da remessa, continuam inéditos. Empenharei esforços para que o conjunto possa ser publicado, contando, para isto, com a colaboração de Marlene Bueno Rivadavia, e com a concordância por parte da família da moça. São Paulo, Ano da Graça de 2013.OK]

[TRECHO DE CARTA DA PROFA. SOPHIA GALANTE AO PROF. OMAR KHOURI]

Firenze, 06 de maio (aniversário de lançamento de ZERO À ESQUERDA, na discoteca Paulicéia Desvairada, lembra-se? E também de nascimento do suíço-alvense Zéluiz Valero) **de 2000!**

Caro O. K.

[...]

Enviar-lhe-ei poemas de Guacyra Ahmed Silberstein e Silva, ex-aluna que chegou a pretender ser poeta: uma nova Safo, dizia-me dela o nosso Dr. Ângelo [Monaqueu]. Tenho cá comigo cerca de trinta de suas peças, o que daria um pequeno volume. Ocorre que a moça correu o mundo e dela nada mais sei, há pelo menos três anos. Pense com carinho no que lhe falei.
Beijos. Seja feliz. Muito feliz. Felicíssimo!

[...]

Sua sempre

SOPHIA GALANTE

PS 1 Segue uma peça, um distico de Guacyra A. S. e S. para que você, meu caro, morra de curiosidade. Os restantes poemas envia-los-ei a si, oportunamente:

***DÍSTICO (DO PINTO) DO PAI DA TRIBADE** (o título é meu e pode, ou deve, ser mudado: ou expurgado):

isenados de lassidão, o propósito dessa disbasia. Iliciei, por fim, que somente se deprecarmos um sufrágio sobremente seus ilícitos cargos litigiosos, teremos o defecho dessa inércia. Escorreito?

Por outro lado, essa fagésia, em que se acha imerso todo esse tratado, quero ressaltar, não é anárquica. Pelo contrário, guarda em si uma certa coerência, embora não pareça.

Voltando à literogoria, há alguns estudiosos que atribuem a essa área de pesquisa altamente erudita um aspecto falaz. Mas eu (e quero crer que o leitor também) não vou cair nessa bazofia. Já os mais abaçanados de raciocínio...

Quanto aos adidos centímanos, trôpegos de se derronchar em suas eventuais rendições, a esses reservaremos o comprobatório epíteto da glória, quando assomarmos ao plinto.

Sendo hipismótico, embora não equidistante, nosso trabalho combaterá, quero crer, todas as formas agudas ou crônicas de hipohilariose, porém terá contra-indicação nos estados catapíncaros irrisórios e nos três primeiros meses da rigidez cadavérica.

Tal prosódia, prosopopéia, ou como queiram, retórica, se prende a toda uma recrudescência a que o homem é sujeitado. Pois se em cada dez mil habitantes – e assim rezam as estatísticas – um é acometido da febre do conhecimento, pode-se ainda guardar esperanças no sentido de não considerar, pelo menos *a priori*, um anátema, um paradigma da destruição, o próprio apocalipse, para tempos imediatos. Não é pelo poder intrínseco ou extrínseco do galinácio, nem pelo poder entrásico do galinício, mas é por essas e outras iguais a essas que acontece o amendoim torradinho.





Um mês da minha vida

por Antonio Edmilson de Oliveira Filho



11.10.2013

Mimo Stein: o artista contemporaneo vive do dogma da arte?

Interlocutor: dogma?

Mimo: qualqua coisa que um artista designa como arte eh arte?

Interlocutor: pode ser para ele mas se eu nao gostar nao sera arte para mim

Mimo: todos sao ou podem vir a ser artistas?

Interlocutor: acho que nao tem gente que prefere ser sapateiro

16.10.2013

Mimo: quem eh melhor: Ferreira Gullar ou Haroldo de Campos?

Interlocutor: ferreira gullar

Mimo: gullar mesmo, pq?

Interlocutor: porque o nome e mais boniyo

Mimo: porque o nome e mais boniyo hahahahahaha

Interlocutor: kkkkkk porque eu acho que e

Mimo: sua existencia eh sempre assim superficial e futile?

Interlocutor: nao so de vez em quando

Mimo: valores para vc eh so aquilo q tem sifras envolvidas?

Interlocutor: nao

25.10.2013

Mimo: vc ja fez alguma coisa q jamais revelaria a alguem?

Interlocutor: ja sim

- Pegaram ele de jeito. Puseram umas camisas nele, umas calças, umas coisas estranhas.
 - E ele?
- Ele foi deixando. Quando viu, ele ja não era ele mais. Era só um rastro do que ele tinha sido antes.
 - E então?
- Ele continuou sendo e agora ele é ele.
 - Como assim?
 - Ele é como ele é.
- Mas você acha normal?
 - Normal não pode ser, não é? Do jeito que ele olha, com aquelas roupas e tudo...
 - Você acha que ele é feliz?
 - Às vezes, mas às vezes também ele deve se lembrar e sentir saudades.
 - Do quê?
- Dele mesmo, né? Do que ele era antes de mudar tanto
 - Mas todo mundo muda...
- Não assim, não tanto, não desse jeito, não com aquelas roupas que puseram nele!
 - Então como é que fica?
- Acho que ele vai tentar apagar da memória o que ele foi antes.
 - Como se tivesse nascido assim...
 - É, como se tivesse morrido.

Mimo: nao quer me dizer?

Interlocutor: ja fiz sexo com outro menino

Mimo: e dai q fez?

Interlocutor: e uma coisa mal vista pela sociedade

Mimo: eu admiro pequenas rebeldias

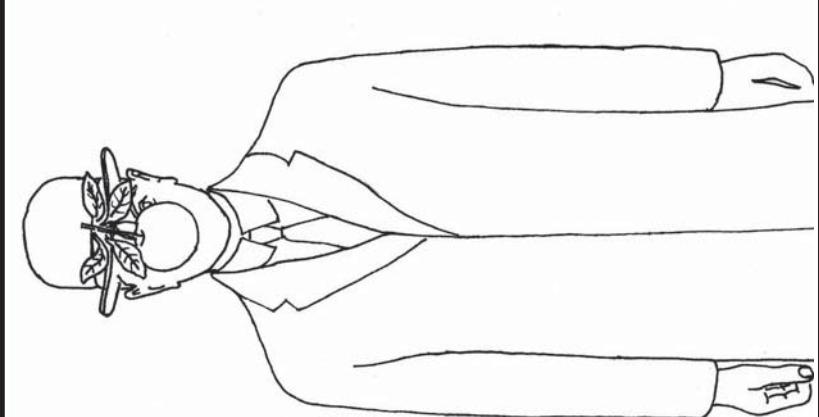
Interlocutor: tambem gosto mas mantenho segredo

Mimo: quem eh vc hein?

Interlocutor: um artista

26.10.2013

3



Interlocutor: adoro seu trabalho

Mimo: tediante

Interlocutor: vai tomar no cu

Mimo: beba coca cola babe cola beba cola caco caco cola

cloaca cloaca CLOACA

Interlocutor: cloaca hahahah

Mimo: gostou da minha citacao ao Dicio Pignatari?

Interlocutor: sim adoro neoconcretismo

26.10.2013

Mimo: posso comeclar falando que eu nao sou Mimo Steim hahahaha

Interlocutor: entao quem ta digitando?

Mimo: vc percebe q isso aqui eh uma performance?

Interlocutor: sim mas as vezes parece real e as vezes so uma maquina

Mimo: esse nosso tempo e espaco compartilhados sao construcoes poeticas sabia?

Interlocutor: vai botar as conversas em um livro?

16.11.2013

Mimo: ei pq os artistas sao artistas?

Interlocutor: o acaso de nossos encontros seria determinado

artistas uma forma de viver neste mundo louco

Mimo: eh muito estereotipo achar q todo artista eh

problematico?

Interlocutor: sim bach era um cidadao exemplar

Mimo: vc veio ate aqui o que espera de mim?

Interlocutor: gosto de suas provocacoes e questionamentos

preciso ir embora daqui

Mimo: e nao se esqueca de esquecer tudo o que conversamos
hahahaha

Interlocutor: hahahahahahahaha vc viu a animacao
que msotra as relacoes humanas representadas por baloes

Mimo: a animacao engana o olho nao eh?

Interlocutor: sim

Mimo: ei o q vc sabe sobre arte?

Interlocutor: vou deixar este balao ir embora e esquecer
deste fenomeno sera que consigo

Mimo: vc votaria em Joseph Beuys para monarca supremo deste
mundo?

Interlocutor: sim

Mimo: enfim uma resposta sensata hahahaha como vc se sente?

Interlocutor: ele ficou preso com um lobo pergunto

Mimo: e q tal Marina Abramovic para primeira ministra?

Interlocutor: perfeito hahahahahahaha

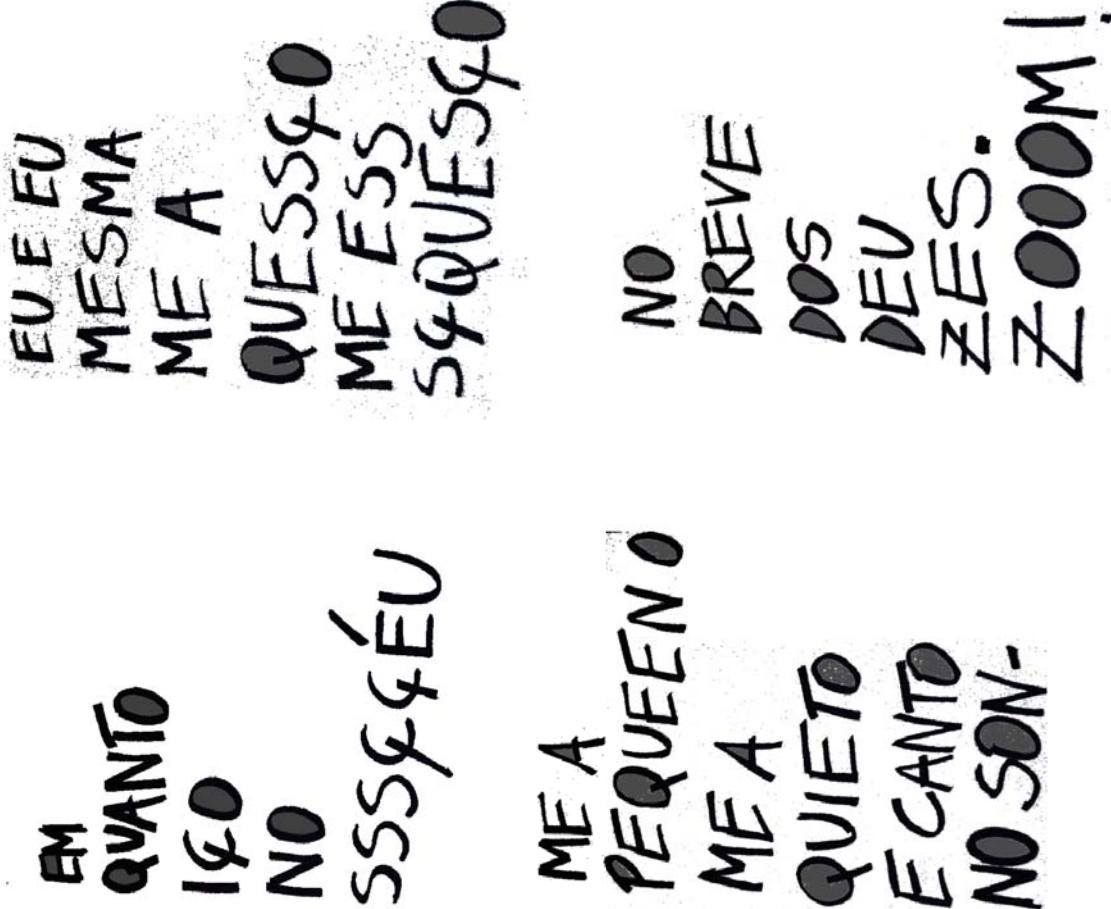
Mimo: ih!

Interlocutor: valeu

Mimo: uma imagem vale mesmo por mil palavras?

Interlocutor: sim

Mimo: mas uma palavra tb nao pode ser uma imagem?



Interlocutor: vc pra mim eh meu professor lucio agrada
faculdade vc nao eh apenas palavras que serao esquecidas ja
tenho uma imagem a seu respeito

Mimo: eu falo palavras q nao sao minhas

Interlocutor: eu tbm as palavras nao nos pertence acreedito

que o que nos pertence eh apenas huuummm

Mimo: nunca se sentiu programavel seguindo tim tim por tim
comportamentos pre estabelecidos?

Interlocutor: tchau sim muitas vezes abracao vou te adicionar
no face misterioso

Mimo: vc adiciona quem vc nem conhece direito?

16.11.2013

Mimo: arte nao depende de envolvimento e de regras que todos
os envolvidos seguem?

Interlocutor: sim quem faz as regras de onde surgem tambem
gosto de perguntar prefiro perguntas

Mimo: e aih: Picasso ou Duchamp?

Interlocutor: duchamp sem píntico

Mimo: pq Duchamp, mesmo?

Interlocutor: picasso e~h uma copia bem maquiada

Mimo: hahaha mas pq nao espirrar?

Interlocutor: vixiiiiiiiiiiiiii qualquer nota

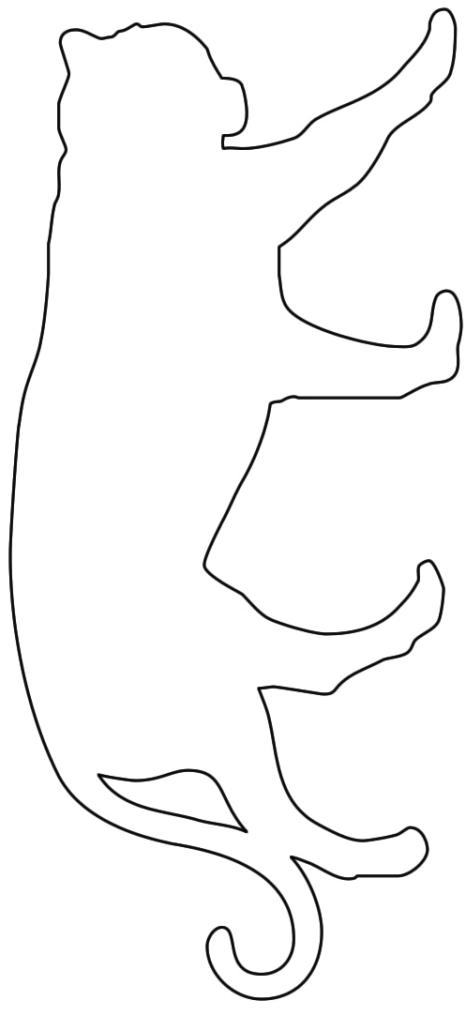
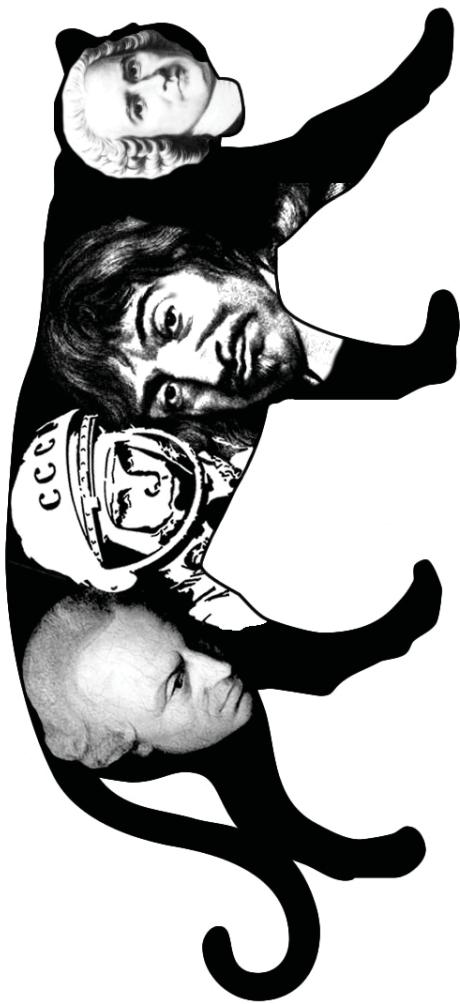
Mimo: na verdade eu nao sou Mimo Steim sou Rrose Selavy
hahaha

Interlocutor: hahahahahahahaha kkkkkkkkkkkkkkk

Mimo: mas talvez eu seja apenas um delirio conceitual mal
resolvido

Interlocutor: tbm me sinto ciborgue vc prefere o delirio eu
vejo

Mimo: vc e eu somos cyborgs nao somos?



— Acabo de chegar ao País. Tenho aprendido muito sobre a cultura brasileira em livros e vídeos aos quais tenho acesso no Japão. Inclusive, acabo de ler um livro e ver um filme fabulosos feitos no Brasil. "O povo brasileiro", do (Darcy) Ribeiro, me parece ser esse o nome correto, e "Deus é o diabo na terra do sol", do já conhecido Glauher Rocha.

— O que continua valendo hoje na arte, como há três mil anos atrás, é a intensidade que passa pela obra, e não a obra como representação de alguma coisa.

— Precisamos estar o tempo todo brigando com nossa própria produção para não deixar que os clichês tomem conta de tudo. E é esse o problema, o público, em geral, adora clichês.

— Tudo está integrado a um exercício do simulacro, cujo objetivo é retirar os hábitos de seu estado de evidência.

SOUZOUSARETA GEIJUTSUKA

Diário do Nordeste, 10 de janeiro de 2006.